



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR—JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. Talhoba—Lisboa • Telefone:

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Coisas indignas

No nosso número de ontem fizemos eco, mais uma vez, dum facto que tem muito de revoltante o que frequentemente se vê repetindo nos últimos tempos. É o caso que fôr comprado, na véspera, numa padaria da travessa dos Moinhos, à Ajuda, um pão em cujo recheio apareceram grandes fragmentos de vidro, um dos quais feriu na boca uma pessoa que estava comendo parte desse pão: uma rapariga, filha dum operário que trabalha no Bairro das Casas Económicas da Ajuda.

Vezei várias tem *A Batalha* dito, com justa indignação, notícias idênticas, havendo também tido ocasião de lavrar o seu protesto contra os operários que se prestam não só a manipular pão com vidros e várias substâncias repelentes, mas também a dar a algumas pães formas obscenas, o que não é menos digno dos nossos ataques, porque uns e outros factos revelam da parte de quem os praticava muita maldade em um grande espírito de inconsciência, ou as duas coisas juntas, porque não é lícito que pretendam convencer-nos que a semelhantes casos é alheia a vontade dos indivíduos que trabalham o pão.

Partimos, pois, do princípio de que entre a corporação dos manipuladores o pão—onde aliás conhecemos trabalhadores muito dignos—há criaturas que se prestam ao ignobil papel de servir os ruins propósitos da gente da Moagem, a qual, apostada em fazer desaparecer a todo o transe o tipo único, além de sistematicamente facultar ao público um produto que é tudo quanto há de mais nocivo à saúde, como os médicos o testem e nós os sentimos, instiga, certamente, alguns desgraçados ao cometimento de tan péridas façanhas, porque é tal a ausência de escrúpulos daquela gente que é capaz de tudo.

Assim sendo, *A Batalha* não se limita a consignar o seu enérgico protesto contra a sordida troupe da Moagem, cujos crimes só por um pouco como o português podem ser tolerados: abrange igualmente na sua fremente repul-

Notas de além fronteiras

A reunião do Conselho Confederal

Prosseguiram ontem a reunião do Conselho Confederal, tendo sido prestados à assembleia, antes de se entrar na discussão do assunto pendente, vários esclarecimentos sobre assuntos de momento, após o que continuou sendo objecto da apreciação do Conselho a parte do relatório do Comitê que se ocupa dos sindicatos nacionais, tendo a discussão sido muito viva por parte dos delegados que defendem os dois pontos de vista opostos, um deles considerando os sindicatos dos arsenalistas como nacionais, o contrário como locais. Em volta destas duas ideias antagónicas iniciou a discussão, na qual tornaram parte Carlos de Araújo, Carlos Vicente, João Pedro dos Santos, Perfeito de Carvalho, Francisco Viana, Manuel Joaquim de Sousa, Carlos Freire, Júlio de Matos e Alexandre Vieira, tendo sido apresentadas duas moções por Carlos de Araújo e Perfeito de Carvalho, a primeira propondo que se dirija uma consulta aos organismos aderentes e a segunda para que aqueles sindicatos continuem directamente ligados à C. G. T. até que o futuro Congresso nacional se pronuncie.

Ficaram ainda inscritos para a próxima sessão, que se efectua depois de amanhã, os delegados Alfredo Lopes, Júlio Luis, Marcellino da Silva, Joaquim Cardoso, Carlos Araújo, Eduardo Jorge e Joaquim de Sousa.

Conselho Jurídico

Reúniram pela primeira vez, na última quarta feira, os novos membros deste Conselho, os quais, além de apreciarem a sua situação financeira, tomaram várias medidas de carácter administrativo. Ficou resolvido que, de futuro, este Conselho só intervirem em assuntos que, nos precisos termos do seu regulamento, ainda não alterado, lhe sejam propostos pelos respectivos sindicatos, programa dum partido político.



Resposta a uma carta de Lénine

Dá-a o ministro inglês Wiston Churchill, que condena as "calamidades comunistas"

LONDRES, 18.—O «Evening News» publica um artigo do sr. Wiston Churchill, ministro da marinha, em resposta à famosa carta dirigida, ao proletariado britânico e enviada por Lénine a Ban-Tourneu e Tol Schaw, membros da delegação inglesa que estiveram na Rússia.

Em quanto Lénine—diz Churchill—estava encarcerado no Kremlin, trabalhando no sossego e solidão na imensa casa que consistia em destruir todas as instituições políticas e humanas da Rússia; enquanto só era conhecido, como ilho predilecto do terror e da revolução social, era difícil para os trabalhadores ingleses formar ideia exacta de que ele representava. A Rússia é tanto grande, está tam longe de nós, e as notícias que nos chegam são tam confusas...

Porém, quando o monstro tirou a máscara, quando desceu do seu pedestal, mostrando-se tal qual é, os operários ingleses viram assim que a sua política tinha algo de concreto, sobre o qual os leitores inteligentes podiam formar uma opinião. E souberam então que na opinião de Lénine milhões de operários pertencendo ao partido con-

servador estavam fora da lei, sucedendo o mesmo aos que comungavam no partido liberal, sob o lema «vivemos e deixemos viver».

As amplas teorias da liberdade de imprensa e da palavra, e de todas as mais liberdades eram condenadas por Lénine, mas isto não é tudo; os nossos chefes trabalhistas não passavam de miseráveis reacionários.

A Alemanha mandou Lénine à Rússia num vagão selado, da mesma maneira que se transportavam os gatos asfixiantes em cilindros herméticamente fechados, e arrebatau a este desgraçado pão os lucros da vitória, que poderia ter obtido connosco. Um milhão de alemães, libertos pelo acto da sua tribo, foram enviados contra as tropas francesas e britânicas, e, consequentemente, um igual número de ingleses, e franceses foram mortos ou inutilizados.

Isto é, pois, o que uma minoria do partido socialista ofereceu às nossas massas trabalhadoras.

Al fia exposto o que na realidade querem, e o apelo que lhes fazem, tem por fim reproduzir neste país as calamidades comunistas que sofre a nobre e grande nação russa.—Rádio.

Dinheiro, é preciso dinheiro!

Impõe-se a necessidade do aumento da cota sindical

O desequilíbrio económico que há desse tempo agravado consideravelmente é desequilíbrio que arrastou Portugal à peste mais extrema—reflete-se mais pesadamente e cruelmente na própria organização sindical.

Era inevitável. Todas as necessidades para a satisfação das quais é necessário o dinheiro como valor de troca, ou são restrinvidas ao mínimo, ou não se satisfazem.

No primeiro caso, o organismo que as restringe—quer se trate do organismo humano, quer se trate do organismo social—não pode funcionar regularmente.

No segundo caso, qualquer dos organismos fica implicitamente condenado ao estofamento e à morte.

E' por isso que a classe operária, sujeita à lei do bronze mais pelo espírito de conservação do que por qualquer outro motivo, se lança e lança em movimentos pela conquista de maior salário, visto que enquanto o custo de vida sobe, minguia o valor do dinheiro, e ela tem que fazer face às suas necessidades primordiais e imprescindíveis.

O desequilíbrio económico e financeiro, afetando de preferência o que menos pode auferir, afetou por igual os organismos sindicais, cujos recursos monetários sempre foram inferiores.

Pois ainda há sindicatos, embora poucos, que cobram a mesma cota!

Há outra parte, talvez a maioria, que elevou essa cota para cinco. Mas que representam cinco centavos, com a mesma tam desvalorizada? Tal cota pouco mais representa que um centavo há 5 ou 6 anos.

Os sindicatos que melhor desempenham a sua função na vida social e que mais contribuíram para criar uma situação económica melhor para as classes que representam, foram exactamente aqueles que já há muito elevaram as suas cotas para 8 e 10 centavos e que estão resolvendo elevá-las para 20 centavos.

E assim como foi necessário o aumento da cota para a organização sindical.

A resolução tomada pelo Conselho Confederal da C. G. T., de elevar a cota confederal, sendo ditada pelas necessidades presentes, é, deve dizer-se, já tardia, já há muito tempo que o aumento de cota se impõe. A extinta U. O. N., tendo feito muito trabalho útil, mais teria feito, se os seus recursos fossem suficientes.

Não há organismo algum que possa desenvolver-se, desde que lhe falta o dinheiro. E foi preciso—é bom constatar—a sindicato produzida pelo constante aumento de tudo para que a C. G. T. se balançasse a tomar tal resolução.

Ora é bom lembrar que os sindicatos que melhor tem lido e correspondeu aos desejos dos sindicados são aqueles que no tempo competente elevaram as respectivas cotas.

Os outros, aqueles que continuaram

NOTAS & COMENTARIOS

Protektor

O *Século* moralista, dos humildes

O *Século* amigo das escolas e defensor desinteressado do nosso pãozinho é o mesmo. *Século* protetor dos pobres—até-lhes dá sopa—, por consequência, da Companhia dos Eléctricos, que está padronizada.

Está para se dar um importante acontecimento político que se prende com a União Fabril. Não podemos dizer hoje tudo quanto sabemos, por termos ainda obtido a confidencialidade do fato.

Por isso senda uma pontinha do véu.

Trata-se, ao que nos dizem, de colocar a frente daquele importante empresa um homem que dispõe hoje da maior influência e cuja vontade por vezes tem dominado em várias situações que seria assim uma grande ameaça a União Fabril, sobretudo para evitar mais conflitos que pudessem vir a reverter um carácter grave.

E' por isso que o *Século*, no propósito de atrair ôdios sóbrios os nababos empregados da Carris, diz que a greve dos eléctricos, trata dum assunto que não tem com greves: trata dos interesses da Companhia que—honra lhe seja!—tanto interesse lhe merece.

Pois nessa notícia, o *Século*, no propósito de atrair ôdios sóbrios os nababos empregados da Carris, diz que a greve dos eléctricos, trata dum assunto que não tem com greves: trata dos interesses da Companhia que—honra lhe seja!—tanto interesse lhe merece.

E' o que isto que o *Século*, boudoso amigo dos pobres, chama a nova greve dos eléctricos.

E o povo há de convencer-se e há-de pagar novo aumentozinho, porque o *Século* tem razão.

Não há verba

Não há verba. O Estado encontra-se na penúria. No entanto, à hora a que escrevemos, uma certa roda de funcionários, daquelas que se metem nas reuniões subtilmente, como piolho por costura, daquelas que mamam no organismo como bezerro em teta de vaca, dão pulo de contente e viva à república. Vão-lhes ser pagas viagens e ajudas de custo desde 1910, desde que a república é mamãsina caridosa dos que a não fizeram.

Nada de reclamações, amigos operários, a república não se faz para individuos desprezíveis que se dedicam ao trabalho.

E' o que se trata—quase tam grande como Sídonio, por quanto, como é, um autêntico ditador, e a

Opinião não oculta esta circunstância—o sr. Liberato Pinto, que, além de mais, é chefe do estado maior da guarda prisioneira.

O caso é que tendo nós assistido

neste offenquiano país, a acontecimentos tam fantásticos, não nos admiramos que o poderoso Liberato te

nhâo bôjo para se pôr à frente dos azeites da União Fabril...

INCIDENTE CURIOSO

Um bolchevista inesperado

LONDRES, 15.—No sábado celebrou-se na igreja de Oxted o matrimónio de uma filha de sir Robert Macalpine.

Durante a cerimónia ocorreu um incidente que teve ontem o seu epílogo no tribunal de polícia de Kingston.

O sr. Henrique Mills apresentou uma denúncia contra o sargento de polícia Harris e pediu ao juiz que o castigasse.

Na sua declaração, Mills contou o seguinte:

«Eu era um convidado à boda da filha de sir Robert Macalpine. O primeiro ministro Lloyd George, tinha sido convidado também. Eu simpatizo com os bolchevistas e vejo com desgosto o seu sucesso.

Em relação à Rússia. Houve um momento, quando o cortejo nupcial chegava à porta da igreja, em que eu caminhava ao lado de Lloyd George.

Aproveitando a ocasião, disse-lhe respeitamente:

—Deixe a Rússia tranquila, se faz favor.

Lloyd George olhou-me com surpresa e respondeu:

—Deixe os seus negócios e deixe lá o resto.

Calou-me; mas quando saímos da igreja insisti. E disse a Lloyd George:

—Levante o bloqueio da Rússia. Pe-de-lhe o povo inglês.

Então, o sargento de polícia Harris segurou-me brutalmente pelos braços e deu-me alguns empurrões. Protestei indignado e ele mostrou-se arrogante e provocador.

Não é deste modo que se tratam os

cidadãos e é necessário ensinar a polícia a usar boas maneiras.

Poco depois, o juiz sentenciou:

—Pecou de excesso de zelo.

Os magistrados suspiraram a sentença e ordenaram um suplemento de informação.

SUSPEITA DE TIPO

Por ordem da Delegação da Saúde,

foram transportados, ontem em automóveis da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, para o hospital do Régio, onde ficaram internados em pavilhões,

quatro pessoas residentes na rua Brotas.

É natural motivo para aplicar leis ou decretos, ninguém podia nitidamente apontar as infracções ao serviço.

As greves nas fundições de aço de Kantó fôr a maior que a história do trabalho tem registado até hoje. Esta greve produziu-se no mês de Fevereiro. Pela

primeira vez na existência dessas fábricas, todos os fornos se apagaram como

por encanto, 500 chaminés cessaram de

deitar fumo e sete fábricas se encontraram paralisadas. Os 25.000 operários

retomaram por fim o trabalho, mas

não tendo a direcção das fábricas cum-

prido as suas promessas, o movimento

estalou outra vez em 24 de Fevereiro,

durando até 3 de Abril último. O

governo proclamou o lock-out geral elan-

cou mais de 500 soldados, mas o resultado

foi a vitória dos operários.

Nas actuais condições, a grande im-

presa patronal e os economistas ofi-

ciais do Japão, puseram a questão de

saber se o problema operário constitui

CONTOS DE «A BATALHA»

A QUESTÃO BARBIZETTE

Certamente, senhor advogado, eu rendo uma sincera homenagem às qualidades oratórias que fariam de vós uma das ilustrações do Foro, se não pudessem com demasiada frequência o vosso talento ao serviço de teorias de testemunhas.

— Vejo, senhor delegado, que não perdoais a minha defesa dêsse pobre Barbizette.

— E o vosso ofício, senhor advogado, pôr-vos em frente do ministério público. Todavia, confesso que toda a sua viva com assombro a veemência com que me houve combatido. O vosso discurso confundiu-nos tanto, mais quanto a causa era pouco interessante e os debates tinham lugar entre nós, à porta fechada.

— Falei com a minha alma e a minha consciência.

— Não duvidou e sinto-o bastante. Ah! vós também vos deixais corromper pelo espírito do século. Pertencentes a essa nova escola de magistrados que olvidam as sãs tradições da justiça para obedecer a não sei que ilusões humanitárias. Os sofismas em que estabeleceis a vossa doutrina são mais perigosos para a sociedade que as bombas anarquistas. Porque, enfim, se pretendes achá-las mais repreensíveis uma atenuante, um alibi, só o pretexto de que a maior parte das provem mais da fatalidade que pesa sobre o culpado que da maladade da intenção, a Justiça perde o direito de castigar e ter de meter na bainha a espada inutil. Os tribunais e as cadeias podem fechar as suas portas...

Quando se achou no seu gabinete e mudou a sua magestosa pelo vulgar casaco, o senhor delegado Letournois avultou a sua voz e soltou grandilhões períodos como se se achasse no recinto do pátio.

Satisfacto da sua eloquência, acariciou com gesto familiar as suas curtas patilhas grisalhas e firmou sobre o seu nariz borbónico, adornado com uma verruga, as lunetas que tinham escorregado.

Um sorriso irônico animou o rosto do advogado Briard.

— Todavia o próprio Código admite que para a intenção se julga a culpabilidade.

Agora bem, é esta intenção malvada que existe quando resulta do exame dos factos que a infração cometida teve por causa determinante ou a falta de discernimento moral, ou uma necessidade mais imperiosa que todo o racionalismo e que toda a reminiscência, ou uma paixão mais violenta que a vontade do culpado? E' o que tratei de demonstrar na minha defesa de Barbizette.

No fundo, não é por completo o repugnante personagem, o inóbri sátiro que pintastes. E' um desgraçado que não soube resistir aos seus instintos. Se tivesse visto depois do julgamento, esmagado, lamentável, sacudido por profundos soluços, só então compreenderia a gravidade do seu caso, ter-vos-ies enchedo de piedade.

O terror do castigo traz a tardia explosão dos remorsos.

— Não são remorsos... E' o desespero do impotente apanhado entre as rodas dum fatalidade inexorável. Vememos, fazei abstração, por um instante, da vossa personalidade e experimentai a pôr-vos no lugar do tal Barbizette, com toda a sua mentalidade falsa e a sua ignorância...

A enormidade da hipótese, fez o senhor Letournois dar um salto.

— Como queres que eu adquira o estudo de espírito dum pai desnaturado que viola sua filha?

— Resumamos os factos... Barbizette enviou há anos. Sua filha fui educada longe, em casa dos avós. Ela viveu só e triste como um urso no seu covil. Reparai que está todavia em toda a força da idade. Sem embargo, a sua conduta é exemplar; não tem amante e sacrifica raras vezes nos altares da Venus das vielas. Um dia entra em sua casa a essa alta rapariga ruiva, olhos de veludo, cujos desassos anos parecem vinte e os seus costumes já bastante mais que desenvolvidos. Todas as manhãs temos testemunhas que fazem fôr em juízo — Maria Barbizette passava quase nua pelo quarto de seu pai e procedeu às suas abluções, à sua toilette, à vista do acusado. Uma noite o desejo sexual é mais forte que as vagas noções morais que possam haver no cérebro rudimentar de Barbizette. Cumpriu-se o inesperável...

— Acréscimas que a vítima tinha consentido sem violência?

— Certamente! Se ele negou logo foi porque os caritativos visinhos que avisaram a polícia lhe inspiraram o terror da prisão. Depois, como não é estúpida, compreendeu que a sua qualidade de vítima lhe grangeava simpatias; enfim, os interrogatórios foram conduzidos da tal forma que o sentido das respostas é invariável...

— * * *

Ao falar só, o senhor delegado abanou a cabeça com desgosto, ao mesmo tempo que limpava os vidros embaciados das lentes.

As teorias do senhor Briard tinham parecido sempre exageradas e su-

Procesas dum a milionária

Sob a epígrafe *As misérias de Lisboa*, publicava ante-ontem *O Século* a seguinte notícia:

— O novo proprietário do prédio 115 da avenida Wilson, vendido recentemente, suprimiu a luz na escada e despediu a porteira, que ali estava há 27 anos, não lhe concedendo que ela mais pernoitasse no cubículo.

— Esse imundo Barbizette tinha confessado; o tribunal tinha sentenciado; era justo que o criminoso expisse o seu crime.

Por outro lado, é importa o sofri-

mento e o desespero dum indivíduo,

em comparação com os interesses sa-

grados da sociedade que exige a estrita

aplicação das leis?

— Isto é absolutamente verdadeiro. O

Século, porém, não disse tudo. Vamos

nos dizer:

— «A Rosália que me está esperando!

Rosália era uma modistinha ruiva, de

olhos azuis, ar ingênuo, talho fino e

exemplidíssimas ancas. Para ninguém era

segredo que o sr. delegado não era feliç

em sua casa. Assim é que, deixando

o Palácio da Justiça a gravidade pro-

fissional, procurava fora amávive com-

panhadas de apariência digna e severa

onde espertas matronas atraíam para

os visitantes escolhidas jovens opera-

rias, cansadas dum trabalho pouco re-

munerador, e pequenas burguesas prá-

cticas.

O senhor Letournois, tendo admirado

a cidade a elegante modistinha, en-

carregou a madame Eleonora que soli-

çou que o sr. delegado não era feliç

em sua casa. Assim é que, deixando

o Palácio da Justiça a gravidade pro-

fissional, procurava fora amávive com-

panhadas de apariência digna e severa

onde espertas matronas atraíam para

os visitantes escolhidas jovens opera-

rias, cansadas dum trabalho pouco re-

munerador, e pequenas burguesas prá-

cticas.

— Falei com a minha alma e a minha

consciência.

— Não duvidou e sinto-o bastante. Ah!

vós também vos deixais corromper pelo

espírito do século. Pertencentes a essa

nova escola de magistrados que olvidam

as sãs tradições da justiça para obe-

decer a não sei que ilusões humani-

tárias. Os sofismas em que estabeleceis

a vossa doutrina são mais perigosos

para a sociedade que as bombas anar-

quistas. Porque, enfim, se pretendes

achá-las mais repreensíveis uma atenuante, um alibi, só o pretexto

de que a maior parte das provem mais

da fatalidade que pesa sobre o

culpado que da maladade da intenção,

a Justiça perde o direito de castigar e

ter de meter na bainha a espada inutil.

Os tribunais e as cadeias podem fechar

as suas portas...

— * * *

— Falei com a minha alma e a minha

consciência.

— Não duvidou e sinto-o bastante. Ah!

vós também vos deixais corromper pelo

espírito do século. Pertencentes a essa

nova escola de magistrados que olvidam

as sãs tradições da justiça para obe-

decer a não sei que ilusões humani-

tárias. Os sofismas em que estabeleceis

a vossa doutrina são mais perigosos

para a sociedade que as bombas anar-

quistas. Porque, enfim, se pretendes

achá-las mais repreensíveis uma atenuante, um alibi, só o pretexto

de que a maior parte das provem mais

da fatalidade que pesa sobre o

culpado que da maladade da intenção,

a Justiça perde o direito de castigar e

ter de meter na bainha a espada inutil.

Os tribunais e as cadeias podem fechar

as suas portas...

— * * *

— Falei com a minha alma e a minha

consciência.

— Não duvidou e sinto-o bastante. Ah!

vós também vos deixais corromper pelo

espírito do século. Pertencentes a essa

nova escola de magistrados que olvidam

as sãs tradições da justiça para obe-

decer a não sei que ilusões humani-

tárias. Os sofismas em que estabeleceis

a vossa doutrina são mais perigosos

para a sociedade que as bombas anar-

quistas. Porque, enfim, se pretendes

achá-las mais repreensíveis uma atenuante, um alibi, só o pretexto

de que a maior parte das provem mais

da fatalidade que pesa sobre o

culpado que da maladade da intenção,

a Justiça perde o direito de castigar e

ter de meter na bainha a espada inutil.

Os tribunais e as cadeias podem fechar

as suas portas...

— * * *

— Falei com a minha alma e a minha

consciência.

— Não duvidou e sinto-o bastante. Ah!

vós também vos deixais corromper pelo

espírito do século. Pertencentes a essa

nova escola de magistrados que olvidam

as sãs tradições da justiça para obe-

decer a não sei que ilusões humani-

tárias. Os sofismas em que estabeleceis

a vossa doutrina são mais perigosos

para a sociedade que as bombas anar-

quistas. Porque, enfim, se pretendes

achá-las mais repreensíveis uma atenuante, um alibi, só o pretexto

de que a maior parte das provem mais

da fatalidade que pesa sobre o

culpado que da maladade da intenção,

a Justiça perde o direito de castigar e

ter de meter na bainha a espada inutil.

Os tribunais e as cadeias podem fechar

as suas portas...

— * * *

Os livros realizados pelo nosso serviço de livraria são exclusivamente aplicados à propaganda. Auxilia-se A BATALHA, adquirindo, por intermédio da nossa administração, os livros e mais publicações de que se necessite.

Organizam-se e fornecem-se projectos e creamentos de bibliotecas populares, cooperativistas, sindicais, etc.

A administração de A Batalha, desejando contribuir para o cultivo dos trabalhadores, propõe-se facultar-lhes os meios de si instruir encarregando-se de fornecer todos os livros que sejam pedidos e indicando em breve a sua secção editorial.

A leitura é um dos meios de educação do operário e anuncia maior força a capacidade de leitura entre as classes trabalhadoras, mas próximo estaremos de conseguirla a emancipação que todos clamamos.

Porque queremos que a sua situação económica todo o trabalhador possa trair-se desde que dedique a aquisição de livros e folhetos educativos, aqueles centavos que mal gasta no tabaco, na taberna e no café, e em divertimentos que o envolvem e brutalizam.

Queremos que os nossos camaradas e amigos submetam a circunstâncias de sua secção de livraria redundar em benefício de A Batalha, pois o desconto que as casas editoras fazem para a revenda, reverte a favor da nossa administração que empregará todos os esforços para atender a todos os pedidos que chegarão.

A medida que as circunstâncias permitem, publicaremos a relação dasquelas obras que, em nossa opinião, possam dar a orientação que deve seguir o proletariado português, e emancipar-se da exploração capitalista.

Não esqueçamos que os povos deixaram de ser explorados e tiranizados quando deixaram de ser ignorantes.

A's casas e grupos editores, a administração preverá que se encarregá de vender, a consignação de todos os livros e folhetos que editem e cuja leitura possa ser recomendada por A Batalha.

Obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia e higiene. Brochuras e folhetos de propaganda sindicalista. Romances sociais, teatro livre, retratos, postais, hinos, canções revolucionárias, etc.

Serviço de livraria de A BATALHA

Sociologia

Adolfo Lima—O concurso de trabalho.

Antonelli—A Rússia Bolchevista.

Albert—O amor livre.

A. C. Santos—Questão Operária e o Sindicato.

Bruno—A Gruta Gral.

Buchen—Novo mundo no Século XX.

Campos Lima—O movimento operário em Portugal.

Dufour—O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.).

Delais—Os financeiros, os políticos e a terra.

Esquerda—A minha defesa.

Emile Pouget—A confederação geral do trabalho.

Emilio Costa—Ação directa e ação legal.

Fraser—A Rússia Vermelha.

Filho Ribeiro—O Socialismo e o continente europeu.

Grave:

Anarquia—Fins e meios.

A sociedade futura.

Balázs—A Rússia Nova.

Bates—A Ditadura do Proletariado.

Rossi—A sugestão e as multidões.

Russumano—A escravidão da mulher.

Santos—A Transformação da Sociedade.

H. Salgado:

A ciência e a religião.

Mentiras religiosas.

Hamon:

A conferência da Paz e a sua obra.

As lições da guerra mundial.

Psicologia do militar profissional.

Psicologia do socialista-anarquista.

Socialismo e Anarquismo.

Krapotkin:

A conquista do pão.

A grande revolução (2 vol.).

Em volta dum vida.

Moral anarquista.

Os bastidores da guerra.

Lagardelle—Sindicalismo e Socialismo.

Landauer—A Social-Democracia na Alemanha.

Leone—o sindicalismo.

Malatze:

A política parlamentar no movimento socialista.

Em tempo de eleições.

O Programa Socialista anarquista revolucionário.

Marx—o capital.

Monfarr—Problemas sociais.

M. Piorrot—Sindicalismo e Revolução.

Nietzsche:

Anti-Christo.

Como falava Zarathustra.

Genealogia da moral.

Naquet—A caminho da União livre.

Prat:

Necessidade da associação.

Sindicato geral.

Raines—A Ditadura Soviética.

Rates—A Ditadura do Proletariado.

Rossi—A sugestão e as multidões.

Russumano—A escravidão da mulher.

Santos—A Transformação da Sociedade.

Tolstoi:

A escravidão moderna.

O canto do cisne.

Últimas palavras.

Vandervelde—O Coletivismo e a Evolução Industrial.

Varennes—O Terrorismo em França.

A Sementeira.

Os 4 anos da 2.ª série (1918 a 1919).

FOTOGRAVURAS em papel couche.

de Bakunin, Berthelot, Su-

dermann, cada.

Marquezinha—champasaur.

Sonata de Koentz.

Vitor Hugo:

Francia e Bélgica (5 v.).

Han d'Islanda (2 vol.).

Noventa e três (2 vol.).

O homem que ri (5 vol.).

O Reis (5 v.).

O ultimo dia dum condenado.

Os homens do mar (2 vol.).

Zola:

Alegria de oliver (2 vol.).

A conquista de Plassans (2 vol.).

A fortuna dos Rougons (2 vol.).

A obra (2 v.).

A taberna (3 v.).

A terra (2 v.).

Zola:

Algebra.

Algebra clementar.

Dicionário dos termos de arquitectura.

Língua de Assunção.

Desenho linear.

Desenho linear geométrico.

Escrituração comercial industrial.

Zola:

Armeazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativa

A SOCIAL

Armeazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

ESPECIALIDADE

EM CHAPEUS

DE SEDA

E

FLAMÃO

Armeazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos

e mesclas em cores lindíssimas,

formatos dos mais famosos fabricantes extrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativa

A SOCIAL

Armeazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

ESPECIALIDADE

EM CHAPEUS

DE SEDA

E

FLAMÃO

Armeazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.